

**DESIGUALDADE OU DESENVOLVIMENTO**

28-12-96

[História começa a provar que má distribuição de renda é entrave ao desenvolvimento]

Será que a desigualdade atrapalha o crescimento? Antes de 1964, a maioria dos economistas brasileiros achava que sim. Tanto é que consideravam a distribuição de terras como uma alavanca do crescimento. Só que a ditadura militar logo mostrou o contrário. Seu “milagre” sugeriu que o crescimento podia prescindir da distribuição. E os equívocos teóricos do projeto desenvolvimentista cepalino foram imediatamente apontados. Mostrou-se, por exemplo, que as inelasticidades da oferta agrícola não eram tão significativas quanto imaginavam os estruturalistas.

Assim, por trinta anos, os raros economistas brasileiros que continuaram a entender a redução da desigualdade como uma exigência do processo de desenvolvimento capitalista foram também os que não abandonaram a tese da reforma agrária. Principalmente porque não existem políticas públicas com impactos comparáveis na distribuição da riqueza. Mas essa minoria foi sempre considerada folclórica pela categoria. Houve mesmo uma frase que fez história: “Reforma agrária é assunto de economista desocupado.”

Não adiantava citar os estudos de Irma Adelman, realizados na década de 70, que geraram as estratégias de desenvolvimento “orientadas para a equidade,” e, menos ainda, pesquisas heterodoxas, como as dos regulacionistas franceses. Com a mesma preocupação de entender as circunstâncias em que se deu o salto de qualidade do capitalismo em nossa época, Adelman debruçara-se sobre os tigres asiáticos, dissecando o caso da Coréia do Sul, enquanto Michel Aglietta e seus seguidores estudavam o padrão gerado nos Estados Unidos e seus desdobramentos na Europa do pós-guerra. Tiraram todos a mesma lição: a desconcentração da riqueza havia sido o alicerce do crescimento intensivo.

A verdade é tão teimosa que, com vinte anos de atraso, a tese de que a desigualdade acentuada é um entrave ao crescimento começa a reconquistar os cérebros dos economistas brasileiros. E para isso tem sido fundamental a divulgação pela revista britânica “*The Economist*” do trabalho de Roberto Perotti, da Columbia University, que avaliou a desigualdade pela parte da renda que cabe às camadas médias, isto é, os estratos intermediários da escala de distribuição.

O desenvolvimento econômico dos Estados Unidos é bem ilustrativo. O fenômeno caracterizado pelos historiadores como “revolução da renda” ocorreu durante os vinte anos que separaram a posse de Franklin D. Roosevelt da Guerra da Coréia (1933-1952). Em nenhum outro período da história daquele país houve um movimento tão acentuado em direção à equidade. Em linhas gerais, a fatia da renda captada pelo décimo mais rico diminuiu 10 pontos (de 39 para 29%), beneficiando todos os seis décimos intermediários e nem um pouco os três décimos mais pobres. O forte aumento da fatia correspondente aos estratos intermediários indica a afluência do vasto universo identificado pela expressão “classe média,” a base daquele pujante mercado de massa.

O salto de qualidade ocorreu quando os próprios trabalhadores passaram a poder consumir parte

considerável dos novos bens que produziam. Mas, até 1920, os gastos com alimentação tinham enorme peso no orçamento familiar dos assalariados, limitando, por consequência, o desenvolvimento. Foi somente a partir de 1920, nos Estados Unidos (e bem depois na Europa e no Japão) que as despesas com alimentação deixaram de ter tanta importância nos orçamentos, enquanto uma parte crescente passava a ser consagrada aos bens duráveis, exatamente os produtos que estavam associados aos altos ganhos de produtividade.

Durante a “revolução da renda” americana, o custo de vida subiu muito mais para os ricos do que para os demais. E quando se examina em detalhe o impacto dos preços nos níveis de desigualdade constata-se que o barateamento alimentar foi literalmente “estratégico,” como mostrou J.G. Williamson, em 1977, nas páginas da *“American Economic Review”*.

A economia brasileira deu os primeiros sinais de estar ingressando nessa mesma dinâmica virtuosa lá pelo final dos anos 1970. Mas a formação de seu mercado de consumo de massa foi atropelada pelo caos inflacionário. Com a estabilização dos últimos dois anos, o processo pode ter sido retomado. O decorrente barateamento de bens de consumo de massa começou a mostrar, outra vez, o caminho da distribuição de renda. Infelizmente, ela está sendo contrabalançada pelo aumento do desemprego causado pela reestruturação industrial, pelos “ajustes” nos sistemas financeiro e público, bem como pela difícil readaptação da agricultura.